



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
CURSO DE JORNALISMO

JOALISSON SEBASTIÃO DA SILVA

**A MULHER NEGRA NO TELEJORNALISMO LOCAL: PRECONCEITOS E
ESTIGMAS EM TELA**

CAMPINA GRANDE

2018

JOALISSON SEBASTIÃO DA SILVA

A MULHER NEGRA NO TELEJORNALISMO LOCAL: PRECONCEITOS E
ESTIGMAS EM TELA

Trabalho de Conclusão de Curso em
artigo científico da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel
em jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robéria Nádia
Araújo Nascimento

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Joalisson Sebastião da.
A mulher negra no telejornalismo local [manuscrito] :
preconceitos e estigmas em tela / Joalisson Sebastiao da
Silva. - 2018.
36 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento
, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."
1. Telejornalismo. 2. Racismo. 3. Mulher negra. 4.
Preconceito social. 5. Preconceito racial. I. Título
21. ed. CDD 070.4

JOALISSON SEBASTIÃO DA SILVA

A MULHER NEGRA NO TELEJORNALISMO LOCAL: PRECONCEITOS E ESTIGMAS EM TELA

Trabalho de Conclusão de Curso em artigo científico da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em jornalismo.

Aprovada em: 29 / 11 / 2018

BANCA EXAMINADORA

1010
(pez) / ps

Rebéria Nádia Araújo Nascimento

Prof. Dr. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Antônio Roberto Faustino

Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão

Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Neste momento venho a agradecer a toda minha família por ter sempre me apoiado durante todo esse tempo em que estive estudando e por ter mostrado o caminho certo ao qual todo ser humano deve seguir; o caminho da educação.

Quero agradecer em especial ao meu pai, Ivanildo Sebastião da Silva, a minha Mãe Laudeci Apolinário e ao meu irmão Wallison Sebastião por terem sempre me apoiado nas principais decisões e me ajudado todas às vezes que precisei.

A minha orientadora, Professora Robéria Nádia Araújo Nascimento por ter aceitado seguir junto comigo neste caminho que é a construção de uma pesquisa para a defesa do trabalho de conclusão de curso TCC. Por esse motivo me sinto honrado por ter uma grande pesquisadora como minha orientadora.

Também agradeço ao professor, Roberto Faustino ter me orientado ao longo da minha graduação. E a todos que acreditaram que este sonho poderia se tornar realidade.

À banca organizadora, que dispuseram a conceder um pouco do seu tempo para avaliar este trabalho.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
2. A Mulher Negra e a Representação Social do Preconceito.....	11
3. O Telejornalismo Local e a (Falta de) Representatividade Negra	20
4. O Jornalismo Local e a Representatividade Negra.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
APÊNDICES.....	35

A MULHER NEGRA NO TELEJORNALISMO LOCAL: PRECONCEITOS E ESTIGMAS EM TELA

Joalisson Sebastião da Silva¹

Robéria Nádia Araújo Nascimento²

RESUMO

O presente artigo aborda a representação da mulher negra no cenário jornalístico da televisão de Campina Grande, observando dois telejornais: o JPB 2ª Edição e o Borborema Notícias, respectivamente pertencentes à TV Paraíba e à TV Borborema. A hipótese do estudo surgiu de uma inquietação pela escassez de profissionais negras verificada no jornalismo local nas funções de repórteres ou apresentadoras. Nesse sentido, a discussão, de natureza teórico-qualitativa, apresenta a noção de representação do feminino, expondo o contexto histórico social das pessoas negras e dos movimentos de resistência e militância em prol de sua cidadania social e consequente inserção no mercado de trabalho. A partir da técnica de entrevistas com profissionais dos telejornais analisados, constataram-se os preconceitos e as dificuldades que as mulheres negras enfrentam em relação ao ambiente da estética televisiva. Os resultados apontam que essas mulheres não possuem tanto espaço em comparação aos demais profissionais que atuam na TV, e a minoria de jornalistas negras não se sente confortável no cotidiano profissional por conta do racismo que ainda persiste na sociedade.

Palavras-chave: Telejornalismo; Mulher Negra, Preconceito Social; Racismo.

1. INTRODUÇÃO

A visível falta de representação de negros na mídia e em especial no telejornalismo tem originado estudos na área da comunicação social que se debruçam sobre a temática do jornalismo nas interfaces com as questões do povo negro. Com o intuito de compreender esse contexto no jornalismo local, este artigo apresenta os resultados de uma observação dos telejornais: Jornal da Paraíba Segunda edição – JPB-

¹ Aluno de Graduação em jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: joalissonsebastiao@hotmail.com ; Participei como aluno bolsista do PIBIC nas cotas 2016/218 - Formação de Professores e Práxis Educativo-Coletiva Na Universidade Estadual da Paraíba; sob Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino da Costa (DECOM/UEPB).

² Orientadora. Professora Associada do Curso de Comunicação Social – Jornalismo (UEPB) e do Mestrado de Formação de Professores (UEPB). Doutora em Educação (UEPB). E-mail.rnadi@terra.com.br

2, apresentado pelo jornalista Carlos Siqueira e exibido à noite na Televisão Paraíba, afiliada da Rede Globo de Televisão; e do Jornal Borborema Notícias, apresentado pela jornalista Dessana Araújo, também exibido à noite na Televisão Borborema, afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. Ambos os telejornais possuem em média a duração de quinze minutos e procuram informar ao longo da semana aos cidadãos campinenses e paraibanos.

Trata-se de uma pesquisa de natureza teórico-qualitativa que parte da discussão do conceito de representação da mulher negra na sociedade, a fim de compreender como ocorre sua inserção nos telejornais citados. Com essa proposta, o estudo está organizado da seguinte forma; na primeira sessão, será apresentado um breve histórico da mulher negra na sociedade à luz do conceito de representação. Na segunda abordaremos o telejornalismo, suas configurações e a história dos jornais locais. E, por fim, com o auxílio da literatura estudada, serão analisadas as entrevistas com os diretores de jornalismo das emissoras alvo da pesquisa e com uma repórter negra que atua numa dessas afiliadas. O percurso teórico metodológico do estudo, apresentado na sequência, visa explicar os critérios adotados para o desenvolvimento da temática.

PERCURSO METODOLÓGICO

A entrevista com fim acadêmico pretende coletar informações para ajudar a fundamentar o objeto de pesquisa e, segundo Gil (2002), apresenta as seguintes características:

É Fácil verificar como, entre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Tanto é que pode assumir as mais diversas formas. Pode caracterizar como informal, quando se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada quando, embora livre, enfoca bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão. Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Pode ser, enfim, totalmente estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas (GIL, 2002, p. 117).

Entretanto, a técnica tem um propósito claro que é a busca de informação para esclarecer o que o pesquisador quer encontrar no percurso da sua pesquisa. O instrumento de coleta pode seguir um roteiro de perguntas bem planejadas e organizadas, servindo como um guia para o pesquisador. Contudo, a realização de

entrevistas para o campo científico não é tão simples de se fazer, é algo complexo, como afirma o autor citado:

A realização de entrevistas de pesquisa é muito mais complexa que entrevistas para fins de aconselhamento ou seleção de pessoal. Isso porque a pessoa escolhida não é a solicitante. Logo, o entrevistador constitui a única fonte de motivação adequada e constante para o entrevistado. Por essa razão, a entrevista nos levantamentos deve ser desenvolvida a partir de estratégia e tática adequadas. A estratégia para a realização de entrevistas em levantamentos deve considerar duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretendem obter e a escolha e formulação das perguntas. (GIL, 2002. p.117).

De modo óbvio, as pesquisas qualitativas se caracterizam pela apresentação de dados de forma qualitativa, no entanto apresentam critérios particulares que as diferenciam das quantitativas, uma vez que, nessa modalidade, busca responder a questões muito particulares. Minayo (1999) explica que a técnica visa apresentar, no âmbito das ciências sociais, um nível de realidade que não pode ser quantificado, uma vez que considera a subjetividade dos informantes.

Ou seja, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações sociais, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Dessa forma: “não existe um *"continuum"* entre "qualitativo-quantitativo", em que o primeiro termo seria o lugar da "intuição", da "exploração" e do "subjetivismo"; e o segundo representaria o espaço do científico, porque traduzido "objetivamente" e em "dados matemáticos" (MINAYO, 1999, p. 21).

Centra-se no campo dos significados das ações e relações humanas estabelecidas e, dessa maneira, não se preocupa tanto em apresentar dados em quantidades. Conforme a autora, a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais, que trabalham com estatística, apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõe, ao contrário, são aspectos complementares, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia da realidade pesquisada.

Em relação às definições das pesquisas qualitativas-quantitativas que são pregadas por outros autores e outras correntes; Minayo (1999) ressalta que essas afirmações aqui colocadas, no entanto, não são pacíficas. Elas correspondem a uma postura teórica e se opõem a outras correntes de pensamento como, por exemplo, a positivista. A principal influência do Positivismo nas ciências sociais foi à utilização dos termos do tipo “matemático” para a compreensão da realidade.

Assim, as pesquisas qualitativas em seu campo de atuação buscam a objetividade da realidade, algo que a corrente positivista discorda, visto que para os positivistas os métodos não são realizados por instrumentos padronizados e neutros:

No cerne da defesa do método quantitativo enquanto suficiente para explicarmos a realidade social está à questão da *objetividade*. Para os positivistas, a análise social seria objetiva se fosse realizada por instrumentos padronizados, pretensamente neutros. A linguagem das variáveis ofereceria a possibilidade de expressar generalizações com precisão e objetividade. Os positivistas atribuem à imaturidade das ciências sociais sua incapacidade de prever e determinar a ação humana. Em oposição ao Positivismo, a *Sociologia Compreensiva* responde de forma diferente à questão sobre o qualitativo. Essa corrente teórica, como o próprio nome indica, coloca como tarefa central das ciências sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente. Em suas diferentes manifestações, como na Fenomenologia, na Etnometodologia, no Interacionismo Simbólico, o significado é o conceito central de investigação (MINAYO, 1999, p,23).

Os autores estudados neste trabalho são Basthi (2011), Nascimento (2010), Wolf (1992), Ribeiro (2017) e Munanga (1999); pesquisadores que trazem uma abordagem reflexiva, conceitual e histórica contextual das temáticas e dos movimentos negros. Nesse contexto, o estudo pretende contribuir para o desenvolvimento da pesquisa sobre raça e etnia no campo da comunicação social, sobretudo no que diz respeito às questões do feminino no telejornalismo, especialmente relacionadas às jornalistas negras.

Para o diálogo com os interlocutores, a técnica adotada é classificada como entrevista semiestruturada, definida como um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI e LAKATOS, 1996). O roteiro de perguntas pré-estabelecido consta nos Apêndices do estudo, ao final deste trabalho, assim como

também o Termo de Consentimento de Fala para pesquisas científicas, conforme determinam os critérios éticos dos trabalhos de natureza acadêmica.

Realizamos três entrevistas para uma aproximação com a temática estudada. Foram nossos interlocutores responsáveis pela direção de jornalismo das TV'S Paraíba e Borborema, Carlos Siqueira e Bastos Farias, respectivamente, e a repórter Raíza Tavares, da TV Borborema. Esses diálogos tiveram a finalidade de exemplificar o cenário atual do telejornalismo paraibano no que diz respeito à representação da mulher negra.

O presente estudo deriva de uma observação sobre a Televisão paraibana, pois é notado que existem poucas jornalistas negras em cargos como repórteres ou apresentadoras; com exceções de algumas emissoras³. Há um possível desequilíbrio em relação a esses postos de trabalho na área, uma vez que a maioria das profissionais que vemos na tela da TV é branca. Se o jornalismo é uma profissão que está ligada diretamente ao contexto social, com os propósitos de buscar a verdade e trabalhar por uma sociedade mais justa e igualitária, por que a representatividade negra não é contemplada no espaço televisivo? É urgente, portanto, que se pesquise a temática na intenção de se contribuir com um jornalismo inclusivo e plural para que as mudanças comecem no interior da profissão para alcançar a sociedade. Nesse sentido, a escolha do tema é justificável, devido à relevância da temática escolhida, que busca vincular a problemática de gênero aos estudos de jornalismo.

2. A MULHER NEGRA E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO PRECONCEITO

Ao longo dos séculos, historicamente, o povo negro foi perseguido e marginalizado, e assim foi construída, no ocidente, uma visão negativa acerca dessa etnia pelos europeus brancos e cristãos no século VIII. Já nos séculos seguintes, os negros foram explorados e utilizados na formação mercantil de Portugal e de outros países europeus com intuito de geração de lucros para o desenvolvimento das metrópoles da época. Contudo, a criação social do negro teve como princípio de sustentação, além dos preconceitos dos europeus brancos, o aval da igreja católica.

³ Na TV Itararé há somente uma repórter negra a Márcia Marques; em relação às emissoras da capital João Pessoa, os canais que apresentam pelo menos uma repórter negra são a TV Manaíra, Aline Galdino; a TV Tambaú, Anne Gomes, a TV Correio, Jaceline Marques; TV Cabo Branco, Silvia Torres e Felícia Arbex; a TV Arapuã não apresentou repórter ou apresentadoras negras até o período analisado pela pesquisa.

Outro fator que explica a invenção socialmente negativa do negro é referente às maldições bíblicas de “Caim e Cam” que, ao longo dos anos, se desdobraram em outros sentidos racistas, como afirma Nascimento (2010):

Noé, que era lavrador, plantou a primeira vinha. Bebeu o vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da tenda. Cam, o antepassado de Canaã, viu seu pai nu e saiu para contar a seus dois irmãos. Sem e Jafé, porém, tomaram o manto, puseram-no sobre seus próprios ombros e, andando de costas, cobriram a nudez do pai; como estavam de costas, não viram a nudez do pai. Quando Noé acordou da embriaguez, ficou sabendo que seu filho mais jovem tinha feito. E disse: “Maldito seja Canaã. Que ele seja o último dos escravos para seus irmãos. E continuou: seja bendito Javé, o Deus de Sem. Que Deus faça Javé prosperar, que ele more nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo (NASCIMENTO, 2010, p 45).

Assim é possível concluir que o negro foi inventado socialmente, e de forma pejorativa, pelo Iluminismo europeu, consolidando-se enquanto conceito para justificar o racismo científico durante os séculos XIX e XX. O racismo que se propagou em nome da ciência procurou justificar as ações de evangelização da igreja católica a fim de se apropriar das riquezas naturais no continente africano.

Conforme Munanga (2005), o século XIX viu a consolidação das doutrinas racistas. Em 1815, as nações colonialistas Inglaterra, França e Alemanha reuniram-se em Viena, para repartir o mundo conhecido da época. Neste encontro nada se falou sobre o tráfico de escravos e da exploração sofrida por esse povo. O representante do Papa, presente no encontro, calou-se para não prejudicar os países majoritariamente católicos e praticantes da escravidão negra. Já no ano de 1839, após sofrer pressão, o Papa Gregório XV condenou o tráfico de escravos, mas não a escravidão que ainda continuou. Na sua visão, a escravidão não era um mal para a humanidade, desde que o senhor de escravos fosse bom.

No entanto, segundo Goffman (1988), os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo “estigma” numa referência a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Nasce assim uma concepção como “marca” para individualizar os grupos sociais. Os primeiros sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor; uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos.

Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo estigma: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina, que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa marca religiosa, referindo-se a sinais corporais de distúrbios físicos. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém, é mais aplicado à própria “desgraça” dos indivíduos, do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nas classificações negativas que causam preocupação na sociedade. Os estudiosos, entretanto, não fizeram muito esforço para descrever as condições estruturais do estigma, ou mesmo para fornecer uma definição do próprio conceito.

Portanto, a noção de estigma traz um significado de algo exótico e diferente. De acordo com Goffman (1988), gera uma expectativa normativa sugerindo enquadramentos que não correspondem à realidade social, considerando-se a sua diversidade. Com tal postura, atribuímos uma identidade social a pessoas e fatos, que distorce a real “identidade” que os constitui. Nessa perspectiva, um ser humano, semelhante a nós, passa a ser visto de modo desqualificado, quando a sociedade o reduz “a uma pessoa ‘estragada e diminuída’”. Tal característica é um estigma por seu efeito de descrédito” (GOFFMAN, 1988, p. 6).

Esse descrédito começa a ser inventado no tocante à história antiga dos negros e de sua cultura, verificando-se certo desconhecimento entre as gerações e mesmo entre seus antepassados. A ignorância em relação à história antiga dos negros, além das diferenças culturais, e dos preconceitos étnicos e necessidades econômicas de exploração, predisuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e a distorcer suas aptidões intelectuais. Dessa maneira, o indivíduo negro torna-se, então, sinônimo de um ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica e inferior aos brancos.

Quando se verifica o histórico da mulher negra na sociedade, o que se percebe é que ao longo dos tempos elas sempre precisaram se esforçar mais para conseguir o seu espaço nas sociedades, devido ao passado histórico, seja em relação à questão educacional, seja profissional ou política. A sociedade brasileira sempre foi desigual tanto econômica quanto educacionalmente, e, dessa forma, muitos ativistas negros, à

frente dos movimentos sociais, sempre procuraram resistir e lutar para que tivessem voz e representação, buscando que a sua cultura fosse valorizada e reconhecida.

No país, a desigualdade social afeta mais as pessoas negras em comparação aos brancos. Segundo Ribeiro (2017), reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades desses grupos e romper com a invisibilidade que os afeta. Por exemplo, o autor diz que ainda é muito comum se ouvir a seguinte afirmação: “mulheres ganham 30% a menos do que homens no Brasil”, quando a discussão é desigualdade salarial. Mas essa afirmação está correta? “Logicamente não, mas sim, do ponto de vista étnico. Explico: Mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos” (RIBEIRO, 2017, p.40).

Uma pesquisa realizada pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no período de 2004 a 2014, e disponível no ano de 2016, aponta que 39,6% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros com (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos com (20,6%). Dessa forma, as mulheres negras constituem o maior contingente de pessoas desempregadas e inseridas no trabalho doméstico.

Para tentar contornar o grave problema da desigualdade de gênero, raça ou etnia, em muitos casos se apresenta a importância de medidas e políticas públicas voltadas para as mulheres negras, visto que essa parcela da população está em maior situação de vulnerabilidade social. Portanto, o que se vê, conforme os dados do Mapa da Violência de 2015, é que aumentou em 54,8% o assassinato de mulheres negras no país, ao passo que o de mulheres brancas diminuiu em 9,6%; esse aumento reflete a falta de um olhar ético e racial nos momentos de se pensar em políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres. Ou seja, a diversidade sociorracial brasileira não é analisada e nem serve de fundamento para medidas ou políticas públicas.

Ribeiro (2017) afirma que o racismo determina as hierarquias de gênero em nossa sociedade, sendo assim necessário que os movimentos feministas pensem maneiras de combater essa opressão, caso contrário, esses movimentos também poderão contribuir para manter as relações entre as mulheres hierarquizadas ao reproduzir o

discurso hegemônico. Dessa forma, o movimento feminista se mostra como um caminho legal para lutar contra as várias formas de preconceito existente nas sociedades. Contudo, também é importante que se tenha um olhar sério e atento para as heterogeneidades que circundam a categoria, porque esta não é fixa e estável. Portanto, no âmbito desse contexto, um ponto positivo é que as feministas negras não ficam só no pensar e no campo da teoria, mas também atuam legitimamente como militantes em prol de uma causa pela luta de igualdade e de combate aos preconceitos.

Entretanto, Munanga (1999) reconhece a importância dos movimentos feministas para tentar avançar nas conquistas de gênero, mas considera que terão de lutar muito tempo ainda para tirar milhões de mulheres dos lugares e posições a elas predestinados pelas culturas machistas de todas as sociedades humanas. De todo modo, têm se mostrado fontes de esclarecimento e empoderamento feminino em busca de oportunidades iguais. Assim, as pautas dos movimentos precisam ter visibilidade na mídia, por esse ambiente ser um forte agente de formação da opinião pública.

Os movimentos encontram resistência até em relação à mobilização dos principais membros, como explica Munanga (1999):

Todos os movimentos sociais, incluindo o dos negros, lutam pela justiça social e por redistribuição equitativa do produto coletivo. Numa sociedade hierarquizada como a brasileira, todos encontram dificuldades para mobilizar seus membros em torno da luta comum para transformar a sociedade (MUNANGA, 1999, p. 13).

Vemos que algumas práticas racistas e arcaicas ainda ocupam espaço na sociedade brasileira, que não reconhecem a importância da origem histórica dos negros na formação do país. Assim, muitas vezes, os conflitos referentes ao povo negro e as suas questões em muitos dos casos escondem interesses socioeconômicos e políticos vigentes, que explicam a desigualdade existente no país. Portanto, tais interesses servem para manipular, dividir ou acabar com os movimentos de resistência dos negros, desqualificando seus propósitos.

Outro ponto que os movimentos feministas e negros procuram debater e trazer à luz da sociedade é a questão da representatividade e do lugar de fala desses grupos. Ribeiro (2017) afirma que:

A nossa hipótese é que a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de

análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. Nesses termos, as realidades e diversidades mostram diferentes graus de marcação do lugar de fala. Assim, ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de outra forma (RIBEIRO, 2017, p.59,60.).

Dessa forma, a teoria do ponto de vista feminista, segundo a autora, precisa ser discutida a partir da localização dos grupos nas relações de poder. Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos, às experiências dos grupos localizados socialmente e de suas produções, seja ela intelectual, saberes ou vozes, não sejam tratados de forma subalterna. A autora explica:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizados faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizado, Além das condições sociais os mantem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organizações políticas, culturais e intelectuais (RIBEIRO. 2017. P.63).

No entanto, essas questões sociais fazem com que haja dificuldade para ter visibilidade e legitimidade as produções. Nesse contexto, fica a reflexão de que existem poucos professores negros universitários e de escolas públicas, poucos profissionais da imprensa, principalmente no que se refere à televisão, mostrando que a falta de representação nesses espaços dominados hegemonicamente por outros grupos, afetam diretamente o desenvolvimento social, econômico e político da população negra no país.

O direito a ter voz implica um *locus* social, que se refere ao lugar imposto a esses sujeitos, o mesmo lugar que dificulta a possibilidade de ascensão desse grupo. Por isso, Ribeiro (2017) mostra que as experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra evolua e ocupe seus protagonismos. Assim, é possível existir um “lugar de fala” na sociedade para essas pessoas a partir das causas do movimento feminista:

Não poder acessar certos espaços acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir (RIBEIRO, 2017, p.64).

O fato de não poder existir significa a falta de visibilidade, o silenciamento social. Por isso, neste trabalho, há a preocupação com a falta de representatividade dos negros, e principalmente das mulheres negras, no telejornalismo. De acordo com Wolf (1992), o outro lado da TV mostra a situação das mulheres que simboliza e ao mesmo tempo reforça a qualificação de beleza profissional. O que significa essa beleza? Parece haver, portanto, um padrão de classificação das profissionais que não inclui a beleza negra.

Dessa forma, comumente se encontra na mídia homens e mulheres considerados “apropriados” para os espaços jornalísticos. A maioria dos noticiários apresenta quase o mesmo padrão em relação aos apresentadores e repórteres que são quase sempre belos e brancos. Com essa falta de representatividade na mídia, as mulheres negras sofrem com os estigmas, estereótipos e preconceitos por parte da população, visto que essa parcela da população não existe na mídia porque também não existe nos quadros da sociedade. Embora as mulheres brancas e negras tenham conseguido avanços significativos, elas ainda precisam lutar diariamente para vencer os preconceitos enraizados historicamente nas sociedades. Dessa forma, Wolf (1992) esclarece:

Durante a última década as mulheres conquistaram posições importantes na sociedade, tanto em termos legais como profissionais. Paralelamente a essa escalada de poder, porém, aumentaram os distúrbios ligados à alimentação, as cirurgias plásticas, a pornografia e a necessidade artificialmente provocada de corresponder a um modelo idealizado de mulher, em que a velhice e a obesidade, mais do que pecados, são motivos para a estigmatização (WOLF, 1992. p.3)

Nos casos das mulheres negras, que fogem ao padrão imposto pelo mercado de trabalho e pela indústria cultural por não corresponderem ao perfil desejado, são profissionais simplesmente esquecidas e ignoradas pelo telejornalismo. Dessa forma, os vários tipos de preconceitos existentes afetam diretamente a parcela negra da população, principalmente no que se refere às mulheres negras, que não alcançam representatividade adequada.

Para Spink (1993) as representações sociais não são meras (re) combinações de conteúdos arcaicos. Os conceitos de representação e identidade são verdadeiras mutações que ao longo do tempo são reconfiguradas, além de serem distintas, dependendo do lugar em que se vive e suas tradições. Para Bauman (2008) é possível acreditar em mudanças para melhorar as situações vividas. Nessa perspectiva, tudo está em processo de transformação e nada é “final”:

Podemos tornar as coisas melhores do que já são e não precisamos ficar satisfeitos com o que existe, pois nenhum veredicto da natureza é final, nenhuma resistência da realidade é inquebrável. Podemos sonhar com uma vida diferente mais decente, tolerável e agradável. E se, além disso, tivermos confiança em nosso poder de pensamento e na força de nossos músculos, também podemos atuar sobre os sonhos e, quem sabe até forçá-los a se tornarem verdadeiros (BAUMAM, 2008.p.180).

A identidade humana sempre passou por processos. A chamada predestinação a qual cada um nasceu foi substituída pela identidade móvel, já que cada ser humano precisa se adaptar para viver em sociedade:

Qualquer que fosse o caso, a natureza humana, uma vez vista como um legado durável e que não deveria ser revogado de uma Criação divina, foi jogada, com o resto da criação divina, em um cantinho. Não foi mais vista, nem poderia ser, como "dada". Em vez disso, tornou-se uma *tarefa* que todos tinham de enfrentar e executar da melhor forma que pudessem. A "predestinação" foi substituída pelo "projeto de vida", o destino, pela vocação - e a "natureza humana" na qual cada um nasceu foi substituída pela "identidade", que cada um precisa podar e adaptar (BAUMAM, 2008, p.181).

Dessa forma, o conceito de identidade é algo em construção, em consonância com a cultura e a história de um povo. O conceito é, então, marcado pela incompletude da identidade dos sujeitos, sugerindo a responsabilidade individual, intimamente relacionada a todos os outros aspectos da condição social moderna. Assim, o autor afirma que a identidade é algo mais complexo, produzido e abrangente que talvez não pertença somente à pessoa em si, mas que faz parte de um contexto cultural e social mais amplo:

Atualmente, o fato de a nossa individualidade ser socialmente produzida é uma verdade trivial; mas o oposto dessa verdade ainda precisa ser repetido com maior frequência: a forma da nossa sociabilidade, e assim da sociedade que compartilhamos, depende por sua vez da forma como a tarefa de "individualização" é enquadrada e respondida. O que a ideia de "individualização" traz é a emancipação do indivíduo da determinação

atribuída, herdada e inata do caráter social dele ou dela: uma separação corretamente vista como uma característica muito clara e seminal da condição moderna. Em resumo, a "individualização" consiste em transformar a "identidade" humana de uma coisa "dada" em uma "tarefa" - e encarregar os atores com a responsabilidade de desempenhar essa tarefa e de arcar com as consequências (e também com os efeitos colaterais) de seu desempenho; em outras palavras, consiste em estabelecer uma autonomia "*de jure*" (porém não necessariamente uma autonomia de facto) (BAUMAN, 2008, p. 183).

O autor propõe que a modernidade substitui a *determinação* da posição social por uma autodeterminação compulsiva e obrigatória. Desse modo, os indivíduos não estão mais presos por determinações que antes os aproximavam de determinada classe social ou forma de identificação. Ter a necessidade de *se transformar* no que *somos* é “uma característica da vida moderna (não da "individualização moderna", uma expressão evidentemente pleonástica; falar de individualização e de modernidade é falar da mesma condição social)” (BAUMAN, 2008, p. 184).

Nesse sentido, a sociedade moderna passou e passa por várias quebras de conceitos, modelos de vivência e identidades, em alguns casos também devido às transformações das instituições, alterando o modo como os indivíduos se percebem:

A tarefa de "auto-identificação", colocada diante de homens e mulheres uma vez que as estruturas espessas dos Estados foram quebradas no começo da Idade Moderna, reduziu o desafio de viver "fiel aos seus" (emulando o padrão dos outros membros da sociedade), de conformar-se ativamente com os tipos e modelos sociais de conduta estabelecidos para se imitar, sem sair do ritmo, sem se desviar da norma. O desmoronamento dos "Estados" não estabeleceu os desvios individuais. Os "Estados" chegaram a ser substituídos por "classes" (BAUMAN, 2008.p.184).

Nesses termos, na era pré-moderna era mais difícil o sujeito social mudar de uma classe social ou alterar sua constituição de gênero e de identidade, por conta da série de restrições e escolhas:

A alocação de classe, apesar de ser mais formada e negociada do que herdada, ou simplesmente uma questão de nascimento, do modo como os *Estados*, *Stände* ou *États* costumavam ser, tendia a tornar-se tão sólida, inalterável e resistente à manipulação individual quanto à atribuição pré-moderna do Estado. A classe e o gênero pesavam sobre o raio de ação das escolhas; escapar às suas restrições não era muito mais fácil do que contestar o próprio lugar na "divina corrente dos seres". Se não na teoria, ao menos para propósitos e objetivos práticos, a classe e o gênero pareciam misteriosamente com "fatos da natureza", e a tarefa deixada aos indivíduos mais auto-afirmativos era "adaptar-se" ao nicho que lhes foi atribuído, comportando-se como os residentes ali estabelecidos (BAUMAN, 2008.p. 185).

3. O TELEJORNALISMO LOCAL E A (FALTA DE) REPRESENTATIVIDADE NEGRA

Segundo Basthi (2011), o telejornalismo e a imprensa em si têm como um dos maiores desafios superar os padrões normativos e os estereótipos sexistas, racistas e etnocêntricos que prevalecem em seus conteúdos. Entretanto, vale salientar que as formas de preconceito não se sustentam em uma sociedade quando esta é informada sobre a diversidade. Nesse processo de formação de opinião e contextualização informacional, o jornalismo tem papel fundamental para disseminar visões democráticas e críticas na sociedade, contribuindo para a ruptura de preconceitos. Assim, segundo Basthi (2011):

Cabe ao Jornalismo que reúne profissionais diferenciados para lidar cotidianamente com a realidade social e suas dinâmicas para contribuir para a desconstrução de crenças, costumes, valores e práticas que reforcem a estrutura social racista, sexista e etnocentrista (BASTHI, 2011.p.36).

Nascimento (2010) afirma que a televisão pouco se empenha no esclarecimento geral da população quando o tema diz respeito ao racismo e às discriminações. A falta de tratamento temático sobre essa questão não contribui para a discussão da diversidade sociocultural, acarretando, em muitos casos, na reprodução dos fatores de exclusão, ampliando preconceitos no que se refere à representação da população negra na programação, sobretudo no âmbito do jornalismo. O autor sugere que precisamos de uma imprensa livre e democrática, efetivamente comprometida com a verdade e a justiça, para acabar com a invisibilidade e o silêncio sobre o racismo e auxiliar no combate ao próprio racismo. (NASCIMENTO, 2010. p 102).

Basthi (2011) entende que a consolidação de uma imprensa livre e independente somente será viável quando a mídia eliminar todos os mecanismos que favorecem a exclusão e subordinação das mulheres e das populações negra e indígena:

Ter uma imprensa livre e independente passa pelo fim da dominação masculina e da discriminação de gênero, raça e etnia na mídia. Inclui ainda a eliminação de todas as formas de exclusão e perseguição às mulheres jornalistas nas redações de jornais, rádios, revistas, televisões e mídias digitais (BASTHI, 2011, p.13).

A mídia em alguns casos mostra uma visão sexista, através de narrativas que diminuem a imagem das mulheres negras, uma vez que essa parcela da sociedade já não possui visibilidade nem oportunidades de melhores trabalhos, muito em razão de

constituir um segmento com pouco nível de instrução e escolaridade, devido à má distribuição de renda existente no país vinculada a fatores históricos de opressão à população negra, como mencionamos no primeiro tópico deste estudo.

Dessa forma, a imprensa reproduz as condições sociais e, conforme explica Basthi (2011), muitos jornais veiculam uma visão sexista nas narrativas e imagens contribuindo para a manutenção dos preconceitos por invisibilizar ou limitar a presença das mulheres negras no cotidiano por meio de práticas racistas e etnocêntricas que não analisam as profissionais por critérios de competência, mas por padrões estéticos.

Nessa perspectiva, é preciso que a classe jornalística reconheça as desigualdades que ainda existem no país, utilizando as narrativas jornalísticas para contribuir para a criação de uma nova sociedade, includente, com mais oportunidades para todas as pessoas. No entanto, isso não ocorre porque.

Homens e mulheres, profissionais da imprensa, ainda reconhecem o Brasil como o país da democracia racial e resistem em admitir as profundas desigualdades presentes no país como resultado do racismo e do etnocentrismo em todas as esferas da sociedade (BASTHI, 2011. p.34).

Desse modo, para existir mais democracia nos meios de comunicação, é preciso que haja uma mídia equitativa no tratamento oferecido às mulheres em geral e, sobretudo, que garanta espaço às mulheres negras e indígenas. As redações devem refletir a diversidade de gênero, raça e etnia na contratação de profissionais, investindo em jornalistas capacitados para correlacionar as implicações que envolvem o racismo, o sexíssimo e o etnocentrismo à persistência das desigualdades socioeconômicas e de representação política no país. Portanto, precisa haver uma discussão do tema em todos os âmbitos para que o jornalismo possa refletir as mudanças necessárias no seu modo de retratar a sociedade.

No entanto, ao longo das últimas décadas, pode-se notar um avanço feminino na sociedade, na conquista de oportunidades no mercado de trabalho. Contudo, a representação da mulher na mídia é associada a normas estéticas, o que limita a visão de uma imprensa livre e plural, sem estereótipos. Com isso, de acordo com Wolf (1992), a ditadura da beleza precisa ser questionada:

A ideologia da beleza ensina às mulheres que elas têm pouco controle e poucas opções. As imagens da mulher segundo o mito da beleza são simplistas e estereotipadas; a qualquer momento existe um número limitado

de rostos "lindos" reconhecíveis. Através de percepções tão limitadas do universo feminino, as mulheres concluem serem suas opções igualmente limitadas (WOLF, 1992, p. 64).

Nesses termos, Basthi (2011) aponta que a mídia brasileira, em muitos momentos, não faz uma representação adequada da mulher negra, apresentando no contexto televisivo, imagens, atitudes e hábitos que alimentam os estereótipos, ao invés de combatê-los:

A mídia brasileira tem sido palco privilegiado para a reprodução de estereótipos de gênero, raça, etnia e invisibilização das populações historicamente discriminadas. Como resultado, atua como um dos principais agentes para a manutenção de crenças, valores, hábitos, comportamentos e atitudes sexistas, racistas e etnocêntricas, promotores de sofrimento e de profundas desigualdades na sociedade brasileira. A combinação do sexismo, do racismo e do etnocentrismo na mídia constitui uma violação dos direitos humanos à comunicação e contribui para a manutenção de um Brasil com alto índice de desigualdades e produtor de estereótipos, preconceitos e estigmas sobre as mulheres e, em especial, sobre mulheres negras e indígenas (BASTHI, 2011.p.14).

Apesar dos últimos avanços, alguns setores da mídia e do jornalismo ainda apresentam situações que disseminam discriminações de gênero. Para Wolf (1992), embora haja setores na imprensa sensíveis a mudanças, boa parte das notícias ainda apresenta uma linguagem demarcada pela dominação sexista, estereotipada e, especialmente no caso das mulheres negras e indígenas, pouco consistentes, desfocadas da realidade e com periodicidade irregular.

Isso significa que a mídia brasileira não tem mostrado em sua essência o papel de agente conscientizador da sociedade. Ainda que ocupe o lugar de defensoras da liberdade de imprensa e de expressão, as instituições jornalísticas têm se revelado incapazes de identificar e propor mudanças eficazes para o tratamento preconceituoso, desigual e discriminatório dedicado às mulheres e, em especial, às mulheres negras e indígenas.

Dessa forma, são comuns cenas de telenovelas ou propagandas de TV que mostrem predominantemente determinados perfis femininos e outros, não. Alguns dos perfis não apresentados preservam a inferioridade, principalmente nas mulheres negras, indígenas, baixinhas, gordinhas, entre outras, que não se adequam aos valores estéticos esperados. A reprodução do mito da beleza gera nas mulheres fora dos padrões uma

redução do amor-próprio, baixa autoestima e depressão, porque não são incluídas como referências sociais.

Em relação ao telejornalismo local algumas emissoras de TV têm apresentado profissionais negras, a exemplo da TV Itararé. No entanto, como o foco deste estudo é a TV Borborema e a TV Paraíba, destacamos o caso da repórter Raíza Tavares, que trabalha afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, pertencente ao grupo Opinião de Comunicação. Já a TV Paraíba, afiliada à Rede Globo, no momento não apresenta uma profissional negra nos quadros jornalísticos. Essa observação se fez necessária a esta pesquisa, a fim de demonstrar, no contexto local, a falta da representatividade negra nos quadros midiáticos.

4. O JORNALISMO LOCAL E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA

A TV Borborema, afiliada do SBT, pertence ao Grupo Opinião de Comunicação. Na grade de programação da emissora selecionamos para observação o Telejornal, Borborema Notícias, que vai ao ar por volta das 19h20, de segunda à sexta-feira, com a apresentação da jornalista Dessana Araújo. A repórter negra, Raíza Tavares, faz constantes participações nesse programa jornalístico, através de matérias e entradas ao vivo. O Borborema Notícias passou recentemente por reformulações e ganhou novos profissionais. O noticiário pretende levar informações para os campinenses e moradores das cidades vizinhas, adotando uma linguagem acessível, o que parece fazer avançar sua audiência entre os segmentos populares⁴. A contratação da profissional como repórter ainda pode ser vista como uma exceção, já que a maioria dos jornalistas negros não aparece nas telas da TV.

Sobre o funcionamento da Política de Contratação da Emissora, o jornalista e diretor da TV Borborema, Bastos Farias, explicou:

Inicialmente, a gente divulga nas redes sociais e até mesmo através do boca a boca. A gente faz chegar a comunidades de alunos concluintes e aquelas pessoas já formadas em jornalismo que a TV está necessitando de profissionais. Depois de iniciado este processo de divulgação, informando que existe vaga e que a TV tem interesse e necessidade de contratação, a gente

⁴ O Borborema Notícias passou por algumas reformulações e contratou novos profissionais, mudou o cenário do telejornal e passou a fazer mais entradas ao vivo. O telejornal que tem dois blocos busca levar para os paraibanos informações das áreas da saúde, educação, economia e política. Atualmente o noticiário é segundo colocado em audiência em Campina Grande e o que tem mais audiência entre as afiliadas do SBT.

solicita o currículo e dá início as etapas de seleção. A gente faz um teste de conhecimentos gerais, porque é de extrema necessidade, de extrema importância que um candidato tenha um bom conhecimento e tenha bagagem, levando em consideração o que a profissão exige. A gente faz um teste de conhecimentos gerais como também avalia o conhecimento da língua pátria, o desenvolvimento de textos levando em consideração a ortografia, pontuação e gramática. Passada essa etapa, faz uma triagem para ver quais os candidatos que se saíram bem nessas etapas, e depois vai avaliar a desenvoltura do candidato na prática, e como ele se comporta diante da TV, como se comporta diante da construção de texto, como se comporta em termos de apresentação, a sua imagem no vídeo (BASTOS FARIAS. Entrevista concedida em 4 de Fevereiro de 2018).

Esse processo seletivo pode confirmar aquilo que Nascimento (2010) denomina de “racismo institucional” que, mesmo enraizado no país, se apresenta de forma sutil, reproduzindo o preconceito existente na sociedade, algo muito comum na mídia e em seus diversos produtos. Apesar disso, o Diretor de Jornalismo afirma que o processo seletivo para a emissora é o mesmo, seja com pessoas pardas, negras ou brancas:

Neste caso é igual para todos, por exemplo, aqui recentemente, por coincidência, a gente está dando a oportunidade a uma colega que é produtora e está sendo treinada no momento para reportagem. E ela é negra, a Raíza Tavares. Sem nenhum problema. A cor não interfere na qualidade ou na capacidade do profissional. Ela é nossa produtora ainda, mas está sendo aproveitada, está sendo remanejada para a reportagem. Ela, que entrou como produtora, passou pelo mesmo processo, tirando a etapa de apresentação. A gente viu em Raíza qualidade para ser uma repórter, e ela tinha esse sonho e está realizando. Ela está sendo transferida do quadro de produção e ela é negra. Sem nenhum problema, o que vale é ter qualificação, é ter qualidade é ter capacidade para ser repórter. (BASTOS FARIAS. Entrevista concedida em 4 de Fevereiro de 2018).

Mas notamos que são poucos profissionais negros que conseguem um espaço para mostrar a sua capacidade na TV. Por isso, é importante que haja mais pluralidade nas contratações das emissoras locais e outras empresas de comunicação.

Para a repórter em questão, o trabalho que exerce não representa uma minoria de profissionais negros, mas sim uma legião de pessoas negras que são mal representadas na mídia local. Em suas palavras:

Eu me sinto inclusive, e desde já quero deixar claro que eu não apenas represento uma minoria de profissionais negros, mas de pessoas negras no geral que nos acompanham e que sempre me abordam na rua ou nas redes sociais, e falam sobre a importância de me ver na tela. Hoje em Campina Grande pelo menos, e até no jornalismo paraibano, eu me admiro pela

quantidade de pessoas, por exemplo, que tem o cabelo crespo e que tem a pele negra, que estão nas telas trabalhando com telejornalismo. Que eu conheça tem eu e mais umas duas que tem esses traços mais afrodescendentes que as pessoas chamam, né? E, ao mesmo tempo, eu comemoro, porque algum tempo atrás nem isso era possível. Mas eu desejo que haja uma representatividade maior que o que acontece. (RAÍZA TAVARES. Entrevista concedida em 27 de agosto de 2018).

A profissional relata que no período que começou na TV Borborema, o canal não tinha nenhuma jornalista com traços afrodescendentes. Ela nos conta:

E a partir do momento que eu comecei a trabalhar aqui na TV, até então pelo menos a TV Borborema não tinha uma pessoa com os traços parecidos. As pessoas começaram a brincar: “agora temos a nossa Maju”. Isso quer dizer uma tendência que acontece, e que você aproveita para ganhar esse espaço. Tem a Maju que é a garota do tempo, apresentadora, repórter, jornalista da TV Globo⁵. E aí, tipo assim, vamos também ter uma na TV Borborema. E eu aproveitei esse espaço. E a partir desse espaço que eu consegui, eu cheguei a muitos lugares e meninas negras me pararam para tirar foto. Porque é a repórter cacheada, é a repórter negra. Eu me sinto representada em você! E eu já percebi muitas meninas que chegaram para mim, que mandam mensagens no meu Instagram e que dizem que a partir de agora gostariam de estudar Jornalismo, porque tem, a partir de agora, a sensação de que há mais oportunidades para elas no mercado de trabalho. (RAÍZA TAVARES, entrevista concedida em 27 de agosto de 2018).

A opinião da repórter confirma que os desafios do mercado de trabalho são uma barreira que as mulheres negras precisam saber enfrentar. Precisam estar sempre lutando por espaço e visibilidade, porque os preconceitos e estereótipos ainda estão presentes na nossa sociedade. No entanto, para Wolf (1992), sempre que rejeitamos uma mulher na televisão ou na imprensa, ou não prestamos atenção ao que diz, porque nossa atenção foi distraída pelo seu tamanho, sua maquiagem, suas roupas ou seu penteado, o mito da beleza está operando com a máxima eficiência. Daí surge um contexto de comparações e cobranças para aparecer uma mulher mais bonita no vídeo, de preferência com cabelo liso e pele branca.

A jornalista Raíza Tavares relata um pouco da sua vivência e comenta se já sofreu algum preconceito na TV onde trabalha ou na rua quando estava fazendo alguma reportagem:

⁵ A jornalista Maria Júlia Coutinho, que ficou conhecida por apresentar a meteorologia no Jornal Nacional da Rede Globo, sofreu ataques racistas na internet em um post na página do JN no Facebook na data 03/07/2015. Na época a equipe do jornal saiu em defesa da jornalista e os fãs dela também a apoiaram nas mídias sociais.

Não, aqui na empresa onde eu trabalho não aconteceu. Pelo contrário, desde quando eu entrei, cheguei aqui como produtora. E quando eu era produtora, pelo menos no início eu não tinha na minha cabeça que nem tão cedo eu seria repórter da TV. Mas o próprio gerente de jornalismo colocava que gostava muito da minha aparência, porque era diferente, não era padronizada. Então ele dizia assim: tu é uma morena bonita! O pessoal chama “morena” que, na verdade, é uma mulher negra. O pessoal ainda não se acostumou a chamar, e aí ‘ tu é uma morena bonita, do cabelo diferente eu queria que tu fosse para o vídeo e tem que mostrar o cabelo do jeito que ele é’. Então assim, o fato de eu me assumir como sou, não alisar o cabelo, por exemplo, usar ele do jeito que ele é, na verdade me deu essa oportunidade. Mas em outras emissoras em que já trabalhei, eu já vi coisas muito duras de chefes meus com relação à cor da minha pele e outras questões, de chegar o ponto de eu me arrepender de não ter gravado, porque se eu tivesse gravado, podia ter processado essa pessoa por isso. E com relação ao público, boa parte das pessoas faz festa de me ver no vídeo, ver meu cabelo, ver uma pessoa com meu perfil ter espaço. Mas assim, às vezes ainda escuto alguns comentários meio sem graça, que eu acabo tendo que relevar para não tratar mal às pessoas. “Esse teu tipo de cabelo ainda é bonito, feio é aquele *Black Power*; mas você ainda é uma morena da pele clara, ainda dá para passar”! Como se o meu perfil, minha cor de pele, meu cabelo fosse aceitável para a TV. Se eu tivesse, por exemplo, feições mais grossas, um cabelo mais volumoso, acho que algumas pessoas não aceitariam. Então, eu já ouvi esses tipos de comentários, “do teu jeito é aceitável”, mais ou menos isso. A partir do momento que a pessoa disse “teu cabelo assim ainda dá para aceitar, mas você não é negra, você é uma mulher café com leite, você é uma morena café com leite”, mas eu não sou, “eu sou negra”, e eu afirmo muito isso! E algumas pessoas estranham quando eu me intitulo de mulher negra, por ser esse “café com leite” aí entre aspas, que as pessoas encaram. Então assim é velado, o estranhamento, o racismo no Brasil em todos os âmbitos é velado. As vezes que você escutar um comentário racista vai ser uma piadinha, uma brincadeira e você vai ter que relevar para não criar uma situação chata naquele momento. (RAÍZA TAVARES, entrevista concedida em 27 de agosto de 2018).

Em relação à falta de representação de mulheres negras no telejornalismo, a jornalista informou que já tinha percebido isso, mas também viu uma mudança positiva no mercado favorável à contratação de negros nas empresas jornalísticas nos últimos anos, conforme declara:

Eu já havia percebido essa falta de representação. Por isso eu demorei oito anos de quando eu me formei até agora para trabalhar. Eu me formei em 2010, e eu vim entrar para a TV como repórter em 2018. Eu nunca pensava que ia ter a oportunidade como repórter, porque é um gênero jornalístico que trabalha com a imagem e eu achava que o meu perfil não era bom para a TV. Então, era uma coisa que eu nem pensava como possibilidade. Porque não tem espaço para o povo negro. E a partir do momento que tem um espaço, a gente vai colocar como notícia, porque é uma coisa extraordinária, né? O fato de eu

estar hoje onde eu estou, como repórter no telejornalismo local, ainda é colocado como uma coisa extraordinária. As pessoas ainda se admiram, ainda pedem para tirar foto comigo, as pessoas ainda comentam, como sendo algo do tipo: “nossa, quando eu te vi na TV, eu fiquei admirado, como uma repórter do cabelo cacheado volumoso está na TV? Uma mulher negra, negra na TV, é algo ainda colocado como extraordinário. Mas é algo muito recente ainda e eu meio que aproveitei essa tendência. (RAÍZA TAVARES, entrevista concedida em 27 de agosto de 2018).

Para Wolf (1992), talvez o debate renovado acerca do mito da beleza na mídia, em termos políticos, e a gravidade das suas consequências, venha a forjar novas alianças em apoio às mulheres na imprensa, na televisão e no rádio que estão ansiosas por combater “o mito da beleza” bem no meio do fogo cruzado da sociedade. A fala da repórter, sobre sua entrada na TV, ser considerada um fato “extraordinário” retrata bem o estranhamento, pois é como se a sociedade não admitisse uma negra na TV, não concordasse com esse papel profissional, chocando as pessoas, gerando comentários. Desse modo, a contratação de mulheres negras sofre o estigma do preconceito.

A jornalista não se via como apresentadora ou repórter de TV na época em que cursava jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba, pois pensava que não atendia aos padrões de beleza para estar à frente do vídeo:

Eu já descartei a possibilidade de ser repórter de TV na época que eu estudava, porque eu sabia que eu não atendia a um determinado padrão. Mas isso começou a mudar a partir do momento que eu cheguei aqui na TV Borborema e recebi essa oportunidade, porque exatamente esse biótipo passou a ser algo visado de uns tempos para cá, coisa que não era há alguns anos, para você ter uma ideia. Quando eu fazia telejornalismo na UEPB, houve um momento que a gente teve que construir um noticiário que era um treinamento exigido para a cadeira e eu já tinha uma certa facilidade com dicção e com pronúncia, uma certa desenvoltura frente as câmeras e tinha eu e mais três interessadas que se candidataram. Teve uma votação depois para escolher quem iria ser as repórteres e quem iria ser as apresentadoras e tal. As quatro gravaram, e das quatro gravações as duas melhores éramos eu e uma outra colega minha. E essa minha outra colega estava dentro dos padrões e muitos dos colegas de turma disseram assim; “é, eu acho que Raíza se saiu melhor, ela tem mais desenvoltura no falar em frente às câmeras, mas a aparência dela não é muito boa, eu acho que podia ficar a outra colega”. E aí eu fui descartada de ser apresentadora desse jornal, e a outra colega ficou porque ela era mais “apresentável” no vídeo, alguém que casava mais com o perfil de apresentadora do jornal. Eu até falava legal, mas meu rosto, meu perfil não casava para aquilo. Então, naquele momento eu vi que tinha talento, por exemplo, desenvoltura no vídeo, mas ali já matou qualquer sonho que eu tivesse de trabalhar em TV. Provavelmente ninguém da minha turma vai

lembrar disso, mas eu me lembro, e lembro que foi o momento que eu disse: “é, nunca vou nem tentar trabalhar em TV, só se for por trás das câmeras, como produtora. Ou trabalhar em impresso, porque sei que para chegar a ser repórter ou apresentadora, eu nunca vou conseguir. Porque eu não tenho perfil, eu sou preta, eu não sou bonita e não atendo aos padrões!” Então, estar hoje para mim aqui como repórter era algo impossível para mim, não era algo que eu dissesse: “você imaginava há dez anos que iria estar como repórter da TV Borborema?” Não, de jeito nenhum, ninguém que me conhece vai dizer assim: “eu lembro que tu tinha um sonho de ser repórter de TV.” Todo mundo quase caiu para trás quando me viu, porque ninguém nem sabia que eu tinha esse sonho, e eu realmente não tinha, porque era algo que eu não via como possibilidade. (RAÍZA TAVARES. Entrevista concedida em 27 de agosto de 2018).

Na visão da jornalista, para mudar o cenário de poucas oportunidades e representatividade das mulheres negras no jornalismo brasileiro, ainda vai demorar um pouco, pois há poucas mudanças positivas. Segundo ela, é “algo cultural e as pessoas ainda precisam se acostumar com essa nova tendência”;

Eu acho que vai levar muitos anos para isso mudar, porque por mais que as empresas busquem dar espaço a essas pessoas, existe também a necessidade do público se acostumar com esse tipo de perfil. O público se acostuma com as mulheres brancas, aquele padrão de repórter de TV, ou com algumas com a pele mais escura, pois o negro aceitável é o que tem os traços mais europeus, o cabelo não é tão volumoso assim, e eu acho que com o tempo isso pode ir mudando. Mas vai levar alguns anos. Acho que tivemos grande avanço no momento que as emissoras estão dando esse espaço a alguns profissionais que estão na mídia nacional. Querendo ou não, fazendo isso, cria-se a tendência até a base, porque começou no nacional e vai vindo até o jornalismo local. Acho que pode ser que abra mais espaço por causa disso nos próximos anos, mas a gente vai ter que ter paciência, porque eu estou achando que gente ainda leva alguns anos acostumando. Até o pessoal de casa se convencer de que este tipo de perfil vai entrar no vídeo: o meu cabelo fuá, o meu cabelo volumoso, meu cabelo crespo, o meu cabelo enrolado. Eu vou entrar e vai ter hora que vai dar um vento e meu cabelo vai voar no rosto, mas eu vou entrar desse jeito. (RAÍZA TAVARES. Entrevista concedida em 27 de agosto de 2018).

A TV Paraíba, afiliada da Rede Globo, conta com um profissional negro em seu quadro de repórteres, Felipe Valentin. O telejornal da emissora, JPB 2ª Edição, é apresentado pelo jornalista Carlos Siqueira. Não há jornalista negra como apresentadora ou repórter. O editor e apresentador contou sobre a política de contratação dos profissionais:

A TV Paraíba é uma das pioneiras em fazer um trabalho de parceria com as universidades. Nós temos uma parceria com a Universidade Estadual da

Paraíba (UEPB), com o Centro Integrado Empresa Escola (CIEE), e a TV Paraíba. A gente sempre escolhe os profissionais através de critérios que a gente seleciona. Primeiro, a gente procura saber quais são os alunos, os mais aplicados na universidade e depois convocamos aqui esses mais aplicados e fazemos um teste de seleção, onde a gente garante quatro vagas de estagiário na redação de jornalismo da TV Paraíba (CARLOS SIQUEIRA. Entrevista concedida em 15 de Março de 2018).

O mercado de trabalho no campo da comunicação social se abriu mais nas últimas décadas às mulheres, mas ainda é um verdadeiro desafio, principalmente se forem negras ou indígenas. Durante a jornada de trabalho são colocadas à prova a todo instante e em muitos casos sofrem discriminações pelo fato de serem mulheres. Basthi (2011) afirma que a questão de gênero é determinante para os preconceitos:

No caso específico da mídia, o mercado de trabalho também apresenta distorções no tratamento de gênero para as mulheres em geral e também, especificamente, para as mulheres negras e indígenas. As mulheres jornalistas, como todas as mulheres trabalhadoras, são expostas cotidianamente às discriminações de gênero. São perseguidas sexualmente ou moralmente por serem mulheres (BASTHI, 2011. p.20).

Em relação aos fatores que podem influenciar na escolha dos profissionais para a TV Paraíba, além da qualificação, o jornalista Carlos Siqueira declarou que o critério maior é ter conhecimento e ser bom aluno: “Não, não há nenhum fator externo que influencie na escolha, o critério é meramente de conhecimento do candidato, se ele é um bom aluno, se é um aluno aplicado na universidade e fazemos aqui um teste de avaliação, onde ele responde a questões técnicas básicas da área de telejornalismo”. O jornalista citou ainda os profissionais negros que passaram pela emissora:

A TV Paraíba tem uma história com o negro muito importante a relatar. A primeira repórter desta empresa foi uma negra chamada Vanda Chaise. Ela entrou aqui no ano de 1987 e foi uma revolucionária. Ela passou aqui uma boa temporada. Eu cito também a apresentadora Ceíça Gomes, que também era negra. Tivemos também Isis Coelho, Gi Ismael. Tem muita gente que passou por aqui, e que efetivamente ainda está na empresa, como Gi Ismael, e que são pessoas que são da cor negra e têm o espaço garantido, assim como os demais (CARLOS SIQUEIRA. Entrevista concedida em 15 de Março de 2018).

Como profissional da comunicação, ele acredita que a oferta de jornalistas negras na TV local representa melhor a sociedade:

Sem dúvida. Eu acho que a gente tendo um equilíbrio nós conseguimos dar a sociedade um verdadeiro sentido de equanimidade, direitos iguais, e é isso que a gente tem feito ao longo da história. Citei aqui alguns nomes que me vieram

à memória, mas a TV Paraíba tem essa história intimamente ligada com os negros e com todas as raças, porque nós não distinguimos aqui qualquer tipo de raça, credo ou religião para poder contratar pessoas. Muito pelo contrário, o que prevalece é o conteúdo, é a qualidade, a qualificação profissional (CARLOS SIQUEIRA. Entrevista concedida em 15 de Março de 2018).

Para ajudar na promoção dos indivíduos excluídos, a imprensa precisa cumprir seu papel como agente conscientizador da democracia. Em relação às lutas para se conseguir representações na sociedade, Ribeiro (2017) mostra que o ativismo negro é desvalorizado e entendido como “inapropriado” no país:

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando o poder (RIBEIRO, 2017. P.79).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou analisar e compreender os fatores que influenciam a admissão de profissionais negras no mercado do telejornalismo local, adotando como foco de observação as emissoras TV'S Paraíba e Borborema e seus respectivos noticiários: JPB 2ª Edição e Borborema Notícias. A pesquisa mostra-se significativa por apontar questões relacionadas ao racismo no que diz respeito à problemática de gênero, uma vez que foi colocada em debate a representação do feminino.

A entrevista com a repórter Raíza Tavares se torna importante, sobretudo, por revelar as dificuldades e a falta de representação negra na área jornalística. Sua narrativa demonstra episódios de preconceito, destacando-se ainda o fato de que é a única negra atuando na televisão campinense. Embora estejam inseridas num país caracterizado pela sociodiversidade étnicorracial, as emissoras de TV continuam reproduzindo nos seus quadros profissionais o paradigma europeu, predominantemente marcado pela preferência de indivíduos brancos. Pessoas negras atuam nas redações e nos bastidores da notícia televisiva, mas em frente às câmeras isso não é uma regra, uma vez que apresentadores e repórteres com tal perfil não são valorizados do ponto de vista estético.

Partindo dessa perspectiva os fatores de seleção e contratação para o mercado de trabalho jornalístico, especialmente do segmento audiovisual, são excludentes em relação aos negros, às mulheres negras ou a qualquer outro povo que esteja fora dos padrões hegemônicos. Os editores e chefes de reportagem entrevistados falam sobre

oportunidades e igualdade no mercado de trabalho, porém essas questões continuam configurando entraves e dilemas nas redações das emissoras pesquisadas.

Desde a época do Brasil colonial os negros e as minorias raciais são exploradas, e essas diferenças continuam afetando diretamente a construção de uma sociedade mais justa onde todos são iguais perante a lei. Negros e negras, em sua maioria, ocupam poucas vagas de destaque e têm baixa remuneração salarial.

Caso o estereótipo branco como sinônimo de beleza se mantenha nas telas, o telejornalismo local estará contribuindo não para a igualdade e a democracia, mas atuando para disseminar uma construção negativa da representação do povo negro, pois verificamos que as profissionais negras não possuem oportunidades de emprego quanto as demais, sobretudo se o cargo em disputa for para repórter ou apresentadora.

Os valores do jornalismo defendem a cidadania e a inclusão, visando possibilidade de uma sociedade igualitária. Todavia, quando as questões raciais não são enfrentadas e tratadas com consciência crítica, as discriminações contra a mulher negra serão perpetuadas. Nesse sentido, a construção de uma sociedade plural somente será possível onde haja respeito por todos os cidadãos, onde todos sejam considerados importantes e necessários, não importando o fenótipo ou a orientação sexual das pessoas. Havendo informações sobre a diversidade e a pluralidade teremos condições de reduzir a intolerância e a exclusão. Daí a grande responsabilidade social do jornalismo no combate aos preconceitos.

A representatividade negra é uma questão urgente e complexa mostrando que é preciso buscar mecanismos para que a identidade da mulher negra seja valorizada, e isso passa por debates sobre qualificação e autoestima. Algumas posturas por parte das emissoras de TV podem ajudar nesse sentido, como abrir mais espaço nos canais para os negros em geral, fazer seleções justas no processo de contratação, apresentar reportagens sobre a cultura negra e suas representações, além de retratar as minorias de forma igualitária. Dessa forma, a imprensa poderá atuar na superação dos preconceitos e oferecer um retrato mais condizente com a diversidade social brasileira, abrindo oportunidades para jornalistas negras mostrarem talentos e competências frente às câmeras para além de fatores estéticos, estimulando e inspirando gerações de meninas negras, conforme foi citado pela repórter entrevistada.

ABSTRACT

This article deals with the representation of black women in the journalistic scenario of television news broadcasts in Campina Grande, observing two television newscasts: JPB 2ª Edição and Borborema Notícias, which belong, respectively, to TV Paraíba and TV Borborema. The hypothesis of the study arose from a concern about the scarcity of black professionals found in local journalism landscape acting as reporters or presenters. Therefore, the discussion, on a theoretical-qualitative basis, presents the notion of female representation, exposing the social historical context of black people and the resistance movements and activism in favor of their social civil rights and further insertion in the labor market. Using the technique of interviewing professionals of the aforementioned news programs, the racial prejudices and the difficulties that black women face in the scope of television aesthetics environment were noted. The results show that these women do not have as many opportunities as their coworkers on TV, and this minority of black female journalists do not feel comfortable in their professional daily lives due to the racism that persists in society.

Key words: Television Newscast, Black Women, Social Prejudice, Racism.

REFERÊNCIAS

BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia** / Angélica Basthi (organização e elaboração) Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**; tradução José Gradei. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução Mathias Lambert. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

KABENGELE, Munanga, **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

NAOMI, Wolf. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro, Tradução de Waldéa Barcellos. Editora, Rocco 1992.

NASCIMENTO, Flávio Antônio da Silva. **O Beabá do racismo contra o negro brasileiro**. Rondonópolis: Print, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; Eva Maria, LAKATOS. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução, amostragem e pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA

SPINK, M. J. P. **O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial.** Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/17.pdf>. < acessado em 05 de set. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICES

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EDITORES DAS EMISSORAS ALVO DA PESQUISA



Universidade Estadual da Paraíba

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Departamento de Comunicação Social-Jornalismo

Graduação

Estimado editor e repórter

Gostaria que você colaborasse conosco respondendo a estas questões. Ressaltamos que ele é parte integrante de uma pesquisa de campo necessária para a construção do trabalho de conclusão de curso.

Ao participar da pesquisa, será mantido o seu anonimato, sendo importante que você tenha clareza e sinceridade nas respostas.

Agradecemos a sua valiosa participação!

Orientando: Joalisson Sebastião da Silva

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Robéria Nádia Araújo Nascimento

Entrevista com os editores (2018) TV Paraíba e TV Borborema

E com a Repórter da TV Borborema Raíza Tavares

**A MULHER NEGRA NO TELEJORNALISMO LOCAL: PRECONCEITOS E
ESTIGMAS EM TELA**

DOCENTE: PROF. DR. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

DISCENTE: JOALISSON SEBASTIÃO



Agradecemos a colaboração dos jornalistas, Carlos Siqueira e Bastos Farias das TV'S Paraíba e Borborema pela contribuição prestada na pesquisa.

Roteiro de perguntas com os editores da TV Paraíba e TV Borborema (2018)

- 1) Como funciona a política de contratação dos jornalistas na emissora?
- 2) O processo de seleção é igualitário para todos, sejam pessoas pardas, negras ou brancas?
- 3) Existe alguma outra situação que influencia a escolha dos profissionais, além da qualificação individual?
- 4) O canal já teve profissionais negros atuando como repórteres ou apresentadores?
- 5) O senhor acredita que essa oferta de jornalistas negros na TV local pode representar a sociedade?

**A MULHER NEGRA NO TELEJORNALISMO LOCAL: PRECONCEITOS E
ESTIGMAS EM TELA**

DOCENTE: PROF. DR. ROBÉRIA NÁDIA ARAÚJO NASCIMENTO

DISCENTE: JOALISSON SEBASTIÃO



Agradecemos a colaboração da jornalista, Raíza Tavares da TV Borborema pela contribuição prestada para o desenvolvimento da pesquisa.

Roteiro de perguntas para a repórter, Raíza Tavares da TV Borborema.

- 01) Você se sente representando uma minoria de profissionais negros no telejornalismo?
- 02) Você já sofreu algum tipo de preconceito na empresa ou pelo público?
- 03) Você já havia percebido a falta de representação de mulheres negras no telejornalismo?
- 04) Na sua visão, o que poderia ser feito para mudar esse cenário?